

A última conversa com o P. Luís Archer

Francisco Malta
Romeiras *

Um concílio entre Fé e Ciência?

Era meio-dia. Tocou o telefone. “Morreu o P. Archer”, dizia o P. António Júlio Trigueiros, S.J. Esta notícia foi, para mim, um grande choque. Tinha morrido o padre, o biólogo, o professor e director da *Brotéria* com quem tinha falado na tarde anterior. Como era possível que tivesse morrido o jesuíta de 85 anos que se tinha mostrado tão sereno e bem-disposto na véspera? Percebi, então, que tinha sido a última pessoa com quem tinha conversado. É esta a história que pretendo contar. A história da última conversa com Luís Archer. Uma história que teve como pano de fundo o Concílio entre Fé e Ciência, um concílio da qual foi exemplo a sua vida, enquanto jesuíta e cientista.

Da primeira vez que falámos ao telefone, expliquei que o meu objectivo era conversar sobre a história da revista *Brotéria*, e eu estava particularmente interessado no período em que ele tinha sido seu director. Não poderia escrever sobre as actividades científicas dos jesuítas nos séculos XIX e XX, e particularmente sobre a divulgação científica na revista *Brotéria*, sem falar com o criador da *Brotéria-Genética* e seu único director, durante os seus 20 anos de existência. Combinámos, então, encontrarmo-nos no Colégio de São João de Brito, onde vivia desde que deixara a casa da *Brotéria*.

Assim, no dia combinado, e depois de uma breve incursão ao Arquivo da Província Portuguesa da Companhia de Jesus,

* Centro Interuniversitário de História e Filosofia das Ciências - CIUHCT-UL.
Bolseiro de Doutoramento FCT.SFRH/61883/2009.

o P. Carlos Vasconcelos, S.J., acompanhou-me, amavelmente, ao quarto, onde me aguardava Luís Archer, introdutor da Genética Molecular em Portugal. Nessa tarde falámos sobre os principais acontecimentos e temas que marcaram a sua vida: a licenciatura em Biologia no Porto, a entrada na Companhia de Jesus, a ordenação na Alemanha, o doutoramento nos EUA, o *doutoramento honoris causa* pela Universidade Nova, a direcção da *Brotéria* e a preocupação com os assuntos de Bioética.

Ao reflectir sobre o seu doutoramento nos EUA, confessou as dificuldades que tivera em ingressar nos estudos laboratoriais de Bioquímica e de Genética Molecular. Salientou a falta de preparação obtida ao longo do curso de Biologia para os estudos moleculares que pretendia realizar, não obstante o facto de ter acabado a licenciatura em Ciências Biológicas com média de 18 valores e de ter ganho o prémio de melhor aluno da Faculdade de Ciências do Porto, no ano de 1947. A esta adaptação a um “paradigma molecular” juntou-se o espanto dos seus colegas em Washington. Como poderiam ser novidade para este biólogo os assuntos da Biologia Molecular? Esta resposta surgiu, rapidamente, com um incrível sentido de humor: “Já viu como é engraçado? Todos achavam que eu já tinha completado o meu doutoramento porque os documentos que tinham sido enviados de Portugal referiam todos Dr. Archer”.

A este tópico seguiu-se, naturalmente, o regresso a Portugal e o início da investigação em Genética Molecular em Portugal, no Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) em 1968. Ao recordar o primeiro Congresso Internacional de Transformação Bacteriana, conversámos sobre a importância da transformação bacteriana para o estudo da Genética Molecular e sobre a novidade que representava para a comunidade científica portuguesa.

Inevitavelmente, a investigação realizada pelos jesuítas portugueses desde finais do século XIX até 1932 foi um dos temas desta conversa informal. O jesuíta, dedicado à investigação molecular, confessou que a Sistemática e Taxonomia não despertavam o seu interesse académico, apesar de as ter estudado exaustivamente, enquanto aluno de licenciatura, no

Porto. No entanto, os contributos indiscutíveis de Silva Tavares e de Luisier, para a Botânica e Zoologia, foram amplamente elogiados pelo seu sucessor na direcção da *Brotéria*.

Uma breve incursão às respostas que a Biologia pode dar às grandes questões sobre o conhecimento do Universo, levou-nos, inevitavelmente, para a importância da Física nos dias de hoje. Para Luís Archer, a Física apresenta-se hoje como a disciplina científica que pode dar as respostas mais relevantes para o conhecimento profundo do Homem e do Universo. Será esta época resultado de uma desilusão pós-genómica? Como fundador da Sociedade Portuguesa de Genética, o Professor Catedrático de Genética Molecular afirma que a desilusão que se seguiu aos resultados do projecto do Genoma Humano poderá ser, de facto, um dos factores que contribuiu para a popularidade da Física nos dias correntes, em detrimento da popularidade da Biologia Molecular – não bastava conhecer os genes e as proteínas que os genes codificam. Compreendeu-se que o entendimento dos fenómenos que regulam a expressão e funcionamento dos genes é essencial.

A Bioética não poderia ter deixado de ser um tema presente neste encontro informal. Em relação à Presidência do Conselho de Bioética, confessou que tivera de fazer algumas cedências nas discussões a que presidiu, salientando, no entanto, que o importante nas discussões bioéticas é pôr a dignidade humana no centro de todas as questões. Questionou-se ainda sobre a vasta literatura que produziu enquanto director da *Brotéria*, perguntando-se se os seus artigos “não científicos”, como lhes chamou, não seriam demasiado complicados para um leitor comum.

Em relação à *Brotéria-Genética*, revelou o empenho que teve em que houvesse um patrocínio da Sociedade Portuguesa de Genética e o desgosto que sofreu quando a sua publicação terminou em 2002. Enquanto director da *Brotéria*, no 25 de Abril, recordou ainda a transição editorial no período pós-revolucionário e as dificuldades sentidas nessa altura, destacando a preocupação com o futuro da Companhia de Jesus neste período. Seria extinta a Companhia de Jesus, pela quarta vez na sua história, dos territórios portugueses? Era essencial ser

cauteloso, como escreveu num editorial da *Brotéria*, nesta altura.

No decorrer desta conversa, houve um tópico sempre presente que intercalou os diferentes assuntos: a relação entre a Ciência e a Religião vista por um sacerdote jesuíta que se tinha dedicado à investigação científica. A primeira vez que este tema foi abordado, foi em relação ao doutoramento *honoris causa* pela Universidade Nova de Lisboa. Nesse dia, tinha sido distribuída uma pequena biografia do homenageado a todos os presentes. Uma biografia científica que não mencionava uma única vez o facto do laureado ser jesuíta. Esta biografia continha apenas uma breve referência ao facto de ter estudado Teologia. Sobre este assunto, o Professor apenas comentou: “É curioso, não é?”.

A este tópico sucederam-se uma série de perguntas sobre as suas actividades de investigação enquanto jesuíta, a forma como era visto pelos seus alunos e colegas ou o uso de cabeção enquanto estava no laboratório. Confessou que sempre fora tratado pelos seus alunos, colegas e colaboradores científicos como Doutor Luís Archer. Nunca fora tratado de forma diferente por ser jesuíta no IGC, ou na Universidade Nova, onde trabalhou vários anos. No entanto, o facto de não usar cabeção enquanto fazia investigação laboratorial, não impediu alunos e colegas seus de lhe pedirem, não poucas vezes, de celebrar missas. Apesar de nunca ter iniciado qualquer debate sobre Religião no Laboratório, conversava com enorme agrado, sempre que os seus alunos tinham qualquer dúvida em relação a assuntos de Fé.

Por volta das 5 da tarde, o jesuíta interrompeu a conversa, que já durava há hora e meia, insistindo que fôssemos novamente ao seu quarto, para me mostrar todos os documentos que tinha coligido ao longo da sua vida – diversas entrevistas e notícias em jornais sobre a sua vida ou sobre a *Brotéria*, organizados em 5 *dossiers*. A generalidade dos artigos e entrevistas referia sempre no título, de uma forma ou outra, a dicotomia, por si rejeitada totalmente, entre Ciência e Religião. Em todos os artigos que analisámos se perguntava qual era relação entre Ciência e Religião para um cientista, que era, simultaneamente, jesuíta.

Esta conversa levou-nos inevitavelmente para um lugar comum. Esta pergunta não fazia qualquer sentido para o académico jesuíta. No seu ponto de vista, esta dicotomia de tradição positivista já deveria ter sido ultrapassada há muito tempo. Como contra-exemplo, fui levado a falar sobre o primeiro artigo sobre Evolução na revista *Brotéria*, escrito por um sacerdote brasileiro, Ambrosio Schupp, S.J.¹, em 1909. Neste artigo Schupp explica os conceitos de Constância e Evolução e faz uma revisão científica desapassionada dos trabalhos de Lineu, Lamarck e Cuvier. Numa rigorosa incursão historiográfica, Schupp apresenta as razões pelas quais a teoria de Lineu, “o maior systematico de todos os tempos”, foi contestada, expondo de seguida a teoria de Darwin sobre a evolução – “obra notabilissima”, que muito contribuiu para o progresso científico.

¹ SCHUPP, S.J., Ambrósio, “A Evolução e o Homem”, *Brotéria – Vulgarização Científica*, VIII (1909), 81-94; 147-163.

Para Schupp “facilmente se póde admittir a evolução de todos os organismos, desde as fórmias primordiaes e simples; pois pressupondo-se um ser summariamente intelligente a governar sabiamente o mundo segundo planos certos, cessa toda a contradicção intrinseca e extrinseca e tem a natureza e o universo uma explicação verdadeiramente grandiosa.”

As aparentes contradicções entre Fé e Ciência são superadas por Schupp ao afirmar que “desde que admittimos um creador e sabio ordenador que a cada coisa determina um fim e lhe prescreve as leis segundo as quaes se deve desenvolver, temos um *evolucionismo theologico* que se póde harmonizar com as doutrinas da fé.”

Enquanto cientista e jesuíta, Luís Archer reviu-se nesta visão de Ambrosio Schupp, particularmente quando referi a resposta de Schupp aos problemas da origem das espécies em 1909:

“Se as primeiras cellulas foram creadas directamente ou se desenvolveram da materia inorganica; se as primeiras cellulas eram idênticas e só pouco a pouco se diferenciavam, ou se desde o principio havia cellulas diferentes para animaes e vegetaes, e finalmente se todos os seres animaes e vegetaes provêm de uma só cellula primordial, ou se aos diferentes grupos de animaes e plantas tambem corresponderam cellulas diferentes – são questões que para o evolu-

cionismo mecanico são insolúveis, mas faceis para quem admitte um Creador, pois todas as hypotheses enumeradas são possíveis e admissíveis.”²

O ilustre geneticista molecular expôs, então, que o problema principal que se põe quando se fala em Ciência e Religião é que os cientistas não entendem que não se pode compreender cientificamente Deus, porque “Deus é por natureza incompreensível”. Como um problema de incomensurabilidade Kuhniana, Luís Archer explorou extensamente este conceito central para o diálogo entre Fé e Ciência.

Enquanto discutíamos a importância da Física para a compreensão do mundo moderno, Luís Archer reflectiu, ainda, sobre a existência de Deus fora do tempo e do espaço e sobre a incompreensibilidade da Ressurreição. A única coisa que afirmava saber, com toda a certeza, era que a Ressurreição não poderia ser, em nada, igual à vida terrena e que, por isso, nunca a poderíamos procurar compreender cientificamente. A Ressurreição foi então apresentada como uma realidade totalmente incompreensível pela Ciência.

Ao encontrarmos, no seu quarto, um folheto de uma audição de música, onde tocou Débussy, foi inevitável falarmos dos seus anos no conservatório e do curso de piano. “Só me faltavam duas cadeiras para ter o curso completo: História da Música e Composição”. Sempre que pôde seguiu a música, tocando nalguns órgãos e dirigindo coros, como me disse no seguimento desta conversa.

Enquanto líamos as suas entrevistas na diagonal, chamou-me a atenção para um artigo de um antigo professor seu na Faculdade de Ciências do Porto, a contar como tinha sido a sua reacção ao saber que Luís Archer, biólogo promissor, tinha entrado na Companhia de Jesus. Pediu-me então para ler em voz alta uma citação que se encontrava sublinhada: “Feliz é aquele que encontra a sua vocação e a segue”. Ao ler esta citação, imediatamente comentei que neste caso as vocações eram duas. “Tem toda a razão!”, foi a observação com um grande sorriso.

À despedida, perguntou-me se era cristão e, ao responder que sim, ofereceu-me uma separata da revista *Estudos* contendo

diversas orações escritas por si – “O meu Deus”³. Ao folhear o livro, encontramos um poema seu, escrito em 1955, tendo como mote a oração de Santo Inácio “Tomai o Senhor...”. Disse, com algum pesar, que não tínhamos falado de Santo Inácio e confessou que, hoje, ainda mais do que antigamente, reconhecia a importância de Santo Inácio e da Companhia de Jesus na sua vida. Tudo teria sido diferente, confessava, se não tivesse entrado na Companhia de Jesus.

Comentei, então, que em tudo o que tínhamos conversado, particularmente sobre Ciência e Religião, a vida de Santo Inácio e a história da Companhia de Jesus tinham estado sempre presentes, ainda que indirectamente. Concordou com um grande sorriso e, agradecendo, pediu-me para enviar os artigos que viesse a escrever sobre História das Ciências, por ser um assunto que estimava.

Por fim, acompanhou-me ao elevador que me iria levar à saída do Colégio de São João de Brito. Nunca pensei que fosse a última vez que veria Luís Archer, o jesuíta amável e preocupado com a Bioética, o professor entusiasta pelos debates sobre a história da *Brotéria*, o fundador da Genética Molecular em Portugal, o homem sereno e bem disposto que encontrei naquela tarde. Era meio-dia. Tocou o telefone. “Morreu o P. Archer”. É ainda em estado de choque que aqui deixo a minha singela homenagem ao homem cuja vida se revelou ser um verdadeiro concílio entre Fé e Ciência.

³ ARCHER, S.J., Luís, “O meu Deus”, *Estudos – Revista do Centro Académico de Democracia Cristã*, 8-9 (2007), Separata.